

Sínodo 2021-2024

Etapa Continental

“Alarga o espaço da tua tenda” (Is 54,2)

Arquidiocese de Braga

Perante o desafio de refletir a partir do Documento de trabalho para a Etapa Continental (DEC), tal como nos foi proposto, a Equipa Sinodal da Arquidiocese de Braga decidiu ampliar a escuta e o discernimento a todos, tornando pública esta etapa do processo e divulgando o convite a essa mesma reflexão. Além disso, a mesma foi ainda promovida no contexto do Conselho Pastoral Arquidiocesano.

A partir dos contributos recebidos, elencaram-se, como resposta às três perguntas apresentadas, os pontos que a seguir se descrevem:

1. **Que intuições ecoam, de modo mais intenso, com as experiências e as realidades concretas da Igreja do vosso continente? Que experiências vos parecem novas ou iluminadoras?**
 - O próprio processo sinodal e a dinâmica a ele implícita são considerados de forma unânime como uma das experiências mais ricas e iluminadoras. A reflexão e partilha em pequenos grupos, o método das rondas e o conseqüente privilégio pela escuta introduziram um novo modo de estar e fazer, revelando um ‘tesouro escondido’ que não pode ser ignorado, esquecido ou ocultado na vivência e prática pastoral da Igreja sinodal que queremos continuar a edificar a partir daqui. O contributo dos batizados permitiu ver traços de um novo horizonte, uma nova esperança para a Igreja e para as comunidades locais. A propósito da atitude da escuta, destaca-se a sua incontornável importância, sendo imprescindível parar para refletir e rezar em conjunto, naquela que é uma responsabilidade de todos. A escuta, geradora de abertura e testemunho de amor, é um sinal de saúde da Igreja. Percebe-se ainda uma enorme dificuldade em escutar as margens. Deste modo, o processo sinodal é descrito como a ‘primavera da Igreja’, mesmo que esta estação sempre traga consigo algumas ‘alergias’, isto é, algumas exigências e necessidade de adaptação a novas configurações.
 - A percepção de que as diferentes alegrias e dores, assim como as dificuldades e êxitos, sentidos na Igreja dos dias de hoje, não diferem muito entre dioceses e até entre países, sobretudo dentro do mesmo continente, é um facto que surpreendeu muito positivamente. Este dado é revelador de comunhão, constituindo um sinal de maior eclesialidade.

- A franqueza de falar de situações "irregulares" que afastam as pessoas dos sacramentos e assim da plena comunhão na Igreja.
- A Igreja tem de ser lugar de hospitalidade, onde o outro é aceite, acolhido e amado tal como é e tal como se encontra em cada momento da sua vida, sem que seja sujeito a julgamentos que afastam e fecham portas. Humanizar deve ser a prioridade, não havendo espaço para qualquer tipo de discriminação. Daqui emerge a importância de três verbos fundamentais: acolher, integrar e acompanhar.

A necessidade de uma escuta fiel e constante, quer dos outros, quer do Outro, isto é, de abertura à graça do Espírito Santo, em permanente contexto de oração, penhor de uma conversão efetiva e necessária; a centralidade da oração e da conversação espiritual como único modo de proceder numa caminhada sinodal.

Em suma, na Igreja tem de sentir-se um cheiro terno e doce a família, pois, como refere o próprio DEC, "se a Igreja não é sinodal, ninguém pode sentir-se em casa".

2. Que tensões ou divergências substanciais surgem como particularmente importantes na perspetiva do vosso continente? Consequentemente, quais são as questões ou interrogações que deveriam ser enfrentadas e tomadas em consideração nas próximas fases do processo?

- O DEC refere inúmeras vezes que é tempo de promover uma Igreja ministerial. Porém, importa clarificar o que isso realmente significa e qual o papel de cada um nessa nova configuração. No contexto de uma liderança partilhada / liderança sinodal, o que é específico de cada um, qual o papel dos leigos e qual o papel dos clérigos e de uns em relação para com os outros? Concretamente, e na certeza de que sempre há uma certa dificuldade em se mudar práticas há muito instituídas, importa uma clarificação objetiva do papel dos leigos, sendo que o mesmo não pode depender da contínua diminuição do número de sacerdotes registada ao longo dos últimos anos. Ao mesmo tempo, é fulcral nunca confundir serviço com autoridade. Este imperativo confronta-nos, mais uma vez, com uma crescente necessidade de formar os leigos.
- O documento denuncia ainda ausências da partilha dos jovens e do clero. Estas ausências devem ser refletidas.
- Necessidade de adotar linguagens e formas de comunicação que permitam à Igreja chegar a todos. Deste modo, a linguagem deve ser suficientemente assertiva para ser significativa para quem ouve. Aqui reside um apelo inequívoco à criatividade que constitui, consequentemente, também uma via para a vivência da caridade.

- O Sínodo não pode ser uma questão meramente processual e legalista. Onde fica o Evangelho no âmbito do mesmo e nesta Igreja que queremos mais inclusiva e missionária? Se a Igreja é lugar de encontro com Jesus Cristo, o que é que o Sínodo vem mudar? Para que serve e de que modo está ao serviço da missão evangelizadora da Igreja? Quais são os critérios que o Evangelho nos transmite? Uma Igreja mais humana, inclusiva, acolhedora e hospitaleira. Seguir e imitar Jesus no seu modo de curar, reconciliar e libertar.

3. Quais são as prioridades, os temas recorrentes e os apelos à ação que podem ser partilhados com outras Igrejas locais no mundo e discutidos durante a Primeira Sessão da Assembleia sinodal em outubro de 2023?

- Uma das grandes prioridades prende-se com os jovens, defendendo-se a importância de lhes dar voz e lugar na vida da Igreja.
- A participação das mulheres na Igreja.
- A atenção permanente aos pobres e a centralidade das diferentes questões de cariz social. As preocupações com a ecologia face aos crescentes problemas ambientais.
- A necessidade de formação dos diferentes agentes de pastoral, devendo esta ser apelativa, dinâmica e promovida em contextos de proximidade, favoráveis à participação daqueles a quem se destina, para além de se atender com especial cuidado ao modo como a mesma é divulgada e comunicada.
- A transparência, o diálogo, a partilha e a proximidade devem ser as linhas mestras que orientam a vivência pastoral em cada comunidade para que tenhamos, efetivamente, uma Igreja comunhão, onde todos são chamados a uma participação ativa e onde todos se sentem enviados para a missão.
- Uma cultura sinodal nas tomadas de decisões de uma comunidade. Pensar e praticar uma Igreja verdadeiramente sinodal (em vez de uma Igreja que está a fazer um sínodo), capaz de criar mecanismos de escuta e mudança ativos, capaz de dar um passo atrás na sua tendência para moralismos e capaz de acolher todas as pessoas.

A equipa sinodal da Arquidiocese de Braga